

FOLCLORE NO SUL DO BRASIL: O BOITATÁ NA REVISTA MENSAL DO PARTENON LITERÁRIO EM 1869

THE FOLKLORE IN THE SOUTH OF BRAZIL: THE BOITATÁ IN THE REVISTA MENSAL DO PARTENON LITERÁRIO IN 1869

Henrique Perin¹

RESUMO

Periódico destinado à arte, à literatura e à circulação de ideias, a Revista Mensal do Partenon Literário publicou em 1869 a narrativa do Boitatá. A transcrição dessa lenda estabeleceu um receptáculo para a memória da sociedade oitocentista gaúcha, assim como apresentou os primeiros sinais da construção da identidade do gentio sulino. Área de constantes modificações políticas e geográficas, sempre sujeita a atritos e alterações fronteiriças, o sul do Brasil, no século XIX, demonstrou ser um espaço de voláteis transformações que refletiram na literatura regional, influenciando na percepção da sociedade sobre si mesma. Esta pesquisa aborda a lenda do Boitatá através de três aspectos: o caráter sobrenatural dos elementos narrativos, a alteridade entre natureza e civilidade e as alterações quando comparada à primeira publicação do livro *Lendas do Sul*, de Simões Lopes Neto, em 1913.

Palavras-chave: Boitatá; Partenon Literário; José Bernardino dos Santos; Folclore.

ABSTRACT

*A periodical dedicated to art, literature and the circulation of ideas, the Revista Mensal do Partenon Literário published the narrative of Boitatá in 1869. The transcription of this legend established a receptacle of the memory of the 19th century society of Rio Grande do Sul, as well as presenting the first signs of the construction of the identity of the southern gentile. An area of constant political and geographical changes, always subject to friction and frontier changes, the south of Brazil, in the 19th century, proved to be a space of volatile transformations that were reflected in regional literature, influencing society's perception of itself. This research approaches this legend through three views: the supernatural character of the narrative elements, the alterity between nature and civilization and the changes when compared with the first publication of *Lendas do Sul*, by Simões Lopes Neto, in 1913.*

Keywords: Boitatá; Partenon Literário; José Bernardino dos Santos; Folklore.

¹ Bacharel em Jornalismo e em História. Mestre em História das Sociedades Ibéricas e Americanas; doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação da PUCRS. Desenvolve pesquisas sobre história da literatura, história e memória, história cultural, história do Rio Grande do Sul e história do Brasil.

INTRODUÇÃO

A *Revista Mensal do Partenon Literário*² apresenta, desde suas primeiras edições, um valioso repositório de costumes, hábitos e folclore do sul do Brasil. Espaço destinado para a produção letrada local, a folha literária publicou, além de contos, romances, ensaios e poesias, o relato de lendas relacionadas à tradição oral e à cultura popular. Um caso pontual demonstra esse fato: a narrativa “Boitatá, lenda rio-grandense”, publicada na edição de maio de 1869 em formato de conto e assinada por José Bernardino dos Santos.

A lenda de Boitatá é ressignificada nas diversas regiões brasileiras e sul-americanas conforme suas cores locais, mas é por meio do relato nas páginas do ementário que se abre a possibilidade de analisar as tradições propagadas de geração para geração no Rio Grande do Sul do século XIX. Sua origem remonta às culturas indígena e ibérica, principalmente as sujeitas às tensões fronteiriças, que empurravam os limites das coroas portuguesa e espanhola de uma longitude a outra, configurando um local de disputas geopolíticas. Antes transmitida somente pela cultura oral, a lenda do Boitatá teve alguns dos seus primeiros registros escritos nas páginas do periódico do Partenon Literário, o que funcionou como modelo para posteriores publicações em compêndios e manuais (em *História da Literatura Brasileira*, de Sílvio Romero, publicado originalmente em 1888, por exemplo, consta apenas sua menção, reaparecendo integralmente, em 1913, em *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, de Simões Lopes Neto).

Conforme aponta Mauro Póvoas (2017), as versões das lendas reproduzidas nas páginas do periódico compõem uma valiosa, embora diminuta, categoria estruturante da memória cultural oitocentista do Rio Grande do Sul. Interessante notar que, apesar do corpo letrado gaúcho constituir um percentual abaixo dos 30% na segunda metade do século XIX (IBGE, 1940), o espaço destinado à cultura oral não estava relegado à notas de rodapé. Os primeiros ecos do nascente regionalismo sul-rio-grandense encontraram guarida nas páginas da revista, o que refletiu na produção literária local. Exemplos podem ser apontados com as narrativas com motivos regionalistas que mesclavam-se com o folclore nacional, como “A Pedra Fendida”, tendo a cidade do Rio de Janeiro como cenário e publicada em dezembro de 1869, “A Mãe de Ouro”, em 1873, lenda encontrada quase exclusivamente no

2 Durante sua circulação o periódico teve o nome alterado em três oportunidades, entretanto, como a edição aqui utilizada (1869) ostenta o epíteto de *Revista Mensal do Partenon Literário*, propõe-se que ao longo deste artigo seja adotado esse padrão. Para a compreensão dessas mudanças, sugiro a leitura de *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*, de Mauro Nicola Póvoas (PORTO ALEGRE, 2017).

sul no Brasil com elementos sobrenaturais e alteridades entre civilização e natureza, e mesmo lendas universais, como fragmentos da história do “Ju-deu Errante”, publicado em setembro de 1875, além de um breve apanhado de crenças argelinas, em outubro de 1869. As poesias, os contos, os romances, os estudos, as biografias e as peças de teatro que abordam as relações da natureza, do gentio, dos costumes, do tempo, do “fazer” e mesmo do mito do gaúcho, são encontrados das mais variadas formas na folha literária do Partenon Literário, e não causa espanto quando essas características são transmitidas também para a narrativa do Boitatá. Esses elementos possibilitam a análise e a discussão sobre a memória e a identidade da sociedade sulina através de seu folclore em uma região a qual Ángel Rama delimita como “Comarca da Pampa” (1982).

Em um primeiro momento este artigo apresenta a *Revista Mensal do Partenon Literário* e Bernardino dos Santos, o escritor que assina o “Boitatá”. Alguns aspectos abordados pela narrativa, posteriormente, são elencados e conduzem a análise do trabalho. São eles o caráter sobrenatural, cingido na alteridade entre cristãos e mouros; a também relação de alteridade entre a civilidade e a natureza – a qual pode-se denominar, neste caso, de *wilderness*, tal qual o conceito proposto por Roderick Nash (2001), tendo seu significado ligado às tensões entre o urbano e o selvagem. Estas possibilidades de análise serão construídas por meio da tensão estabelecida pela dinâmica das facetas que as regiões fronteiriças oferecem. Por fim, são verificadas as alterações da narrativa para o compêndio *Lendas do Sul*, reunidos por Simões Lopes Neto em 1913.

1 A Revista Mensal do Partenon Literário e José Bernardino dos Santos

A Sociedade do Partenon Literário foi criada em junho de 1868 em Porto Alegre. No ano seguinte, em março de 1869 a agremiação cultural publicou, através das prensas da Tipografia do Jornal do Comércio, a primeira edição de sua folha literária, que circulou, com eventuais interrupções, entre 1869 e 1879 – foram publicadas setenta edições, distribuídas entre os anos de 1869, 1872, 1873, 1874, 1875, 1876, 1877 e 1879. É importante destacar que o surgimento da sociedade, em 1868, contemplou os anseios da geração de literatos da segunda metade do século XIX, que explorou as tradições, os costumes e o folclore gaúcho. A ebulição das experiências literárias no Rio Grande do Sul ocorreu no momento em que outros centros culturais (Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Portugal) paulatinamente renunciavam o romantismo e iniciavam um período mais científico (o qual pode-se determinar de “positivista”) e menos amarrado à fórmula romântica. O Par-

tenon Literário surgiu não como o bastião de um engessamento literário que ainda ecoava no sul do Brasil, mas como um laboratório, um local para pesquisa e irradiação da cultura gaúcha (CESAR, 2006).

A iniciativa de criação da revista foi o expediente definitivo para materializar o “núcleo, onde a luz civilizadora se concentrasse nos certames científicos, nos pleitos da tribuna, e na discussão transcendente entre sobre o verdadeiro, o bom e o belo” (PROGRAMA, 1869). A revista do Partenon Literário se instituiu como um veículo poderoso para a divulgação da produção literária autóctone, o que permitiu a irradiação da literatura do Rio Grande do Sul (MOREIRA, NASCIMENTO, 2021).

Nesse contexto de estudo e exploração das influências regionais foi redigido o conto “Boitatá, lenda rio-grandense”, por José Bernardino dos Santos, em maio de 1869 – jornalista, funcionário público, romancista, poeta e teatrólogo, também assinava suas obras como Daymã. Dentre seus poemas, dramas e versos publicados no ementário do Partenon Literário, destacam-se, além de “Boitatá”, a dramatização do poema “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias, o qual nomeou de “Quadros da vida selvagem – I-Juca Pirama”³, em 1869 (MARTINS, 1978).

As narrativas sul-rio-grandenses tiveram repercussão além do meio letrado gaúcho. Na edição de outubro de 1869, uma carta anônima remetida do Rio de Janeiro destinada ao Partenon Literário e respondida por José Bernardino dos Santos, pedia para que “continue a publicar na Revista do Partenon as lendas e crenças de nossa terra, escritas com a elegância que o Sr. sabe pôr nos frutos de sua imaginação” (REVISTA, n. 8, 1869, p. 12). Claramente referenciando o conto do “Boitatá”, o interesse pelas lendas sulinas ultrapassava as fronteiras locais, circulando na capital imperial do século XIX.

Em 1872, nas edições dos meses de novembro e dezembro, uma apaixonada defesa dos costumes e da literatura sulina foi publicada com o título de “Contos rio-grandenses”, assinada por Alberto Coelho da Cunha sob o pseudônimo de Victor Valpírio⁴:

3 Recentemente a obra *Quadros da vida selvagem: I-Juca Pirama* foi republicada em forma de livro por Maria Eunice Moreira e Fábio Varela Nascimento (MOREIRA, Maria Eunice; NASCIMENTO, Fábio Varela. *O Y-Juca Pirama dos pampas: o drama de José Bernardino dos Santos*. Porto Alegre: Edipucrs, 2021). Os autores resgatam a peça teatral de José Bernardino dos Santos e a analisam com os olhos do investigador do século XXI, elucidando os motivos e os desdobramentos da obra em um caso de atrito e tensão entre a Sociedade do Partenon Literário e uma associação teatral de Porto Alegre chamada Companhia Dramática.

4 Alberto Coelho da Cunha assinava como Victor Valpírio ou às vezes Jatyr. Colaborava com a revista a partir da cidade de Pelotas, no sul do Rio Grande do Sul. Romancista e novelista, também foi diretor do Arquivo Municipal de Pelotas.

... acho que o cunho americano deve-se ostentar em todas as produções do gênio brasileiro; que um raio do sol das Américas, que doira as nossas fronte juvenis, deve espelhar-se brilhante nas produções da musa dos brasileiros. (...) A mesma no velho o novo mundo é a poesia do coração; são os mesmos os sentimentos poderosos que acordam na alma do filho deste ou daquele hemisfério; os mesmos que despenham da cumeada agitada das paixões individuais, ao impulso do vento do desespero, as catástrofes da vida. Mas, segundo a região, clima ou natureza do país, são as condições de vida dos povos; outra a face predominante do seu caráter; outras as suas inclinações naturais, o seu sentir social: como que todos os povos têm uma alma natal (VALPÍRIO, n. 5, 1872, pp. 41-42).

O autor indica que as narrativas folclóricas do Partenon Literário deveriam ser diferentes das ofertadas pelos autores europeus, apresentando elementos originais e condizentes com a realidade sulina. O resultado seria uma literatura mais leve, ajustada às necessidades sociais, o que evitaria o mimetismo de criações estrangeiras.

2 O Boitatá

Em maio de 1869 temos em “Boitatá, lenda rio-grandense”, a criação narrativa de um conto a partir de uma lenda guaranítica, mas que também pode ser encontrada em outras regiões brasileiras. Conhecido como “baitata” e “batatá” no Centro-Sul brasileiro, “biatata” na Bahia, Batatal em Minas Gerais, “bitatá” em São Paulo e “batatão” no Nordeste, a primeira menção ao Boitatá no Brasil, segundo Luís da Câmara Cascudo (2005), é encontrada em uma correspondência do padre jesuíta José de Anchieta, em 31 de maio de 1560. Na transcrição da carta, o Padre Anchieta informa a existência de inúmeros seres sobrenaturais, inclusive fantasmas “que vivem a maior parte do tempo juntos do mar e dos rios, e são chamados *baetatá*, que quer dizer *cousa de fogo*. Acomete rapidamente os índios e mata-os, como os curupiras; o que seja isto, ainda não se sabe com certeza” (*apud* CASCUDO, 2005, p. 171). Partindo da etimologia da palavra, proveniente do guarani, tem-se em *mboi* o significado para “cobra”, e em *tata*, “fogo”, sendo constantemente representada no mito brasileiro como uma pequena cobra de fogo. Essa primeira descrição encontra correlatos na Europa, que também reconhece o caráter místico do fenômeno. Na França é conhecido como *ron-da-dos-Lutinos* e na Alemanha como *Inlicht*; na Inglaterra é chamado de *Jack with a lantern* e em outros países como Holanda, Portugal, Estados Unidos e Grécia também são encontrados relatos do mito (Cascudo, 2005). Apesar da

ampla proliferação de avistamentos por todo o mundo, o mito, na verdade, apresenta uma explicação científica: já no século XIX descobriu-se que a metabolização do elemento fósforo (P) por bactérias anaeróbicas em materiais orgânicos decompostos causava uma reação química peculiar, criando uma pequena chama conhecida como *Ignis fatuus*, ou fogo-fátuo (ROELS; VERSTRAETE, 2001).

Se em outros países o fogo-fátuo representa um caminho para os que estão perdidos durante as noites, ou o lamento de crianças que faleceram antes do batizado, ou ainda, o penar das almas incestuosas, no caso do “Boitatá” de José Bernardino, os elementos são os mesmos encontrados na lenda da *luz mala*, do folclore argentino e uruguaio: é a alma que deixou dinheiro enterrado e que não será salva enquanto o tesouro não for utilizado para a purgação do espírito errante (CASCUDO, 2005).

Famoso na Argentina e no Uruguai, o “Boitatá” também é chamado, além de *luz mala*, *fuego malo*, *farol del diablo*, *farol de los Andes* ou ainda *farol de mandinga*. Segundo o *Bestiário nacional – criaturas del imaginario argentino* (2023), são inúmeras as referências ao fogo fátuo no folclore, principalmente na região do Pampa. Abundantemente presente na literatura pampeana, a *luz mala* é descrita como:

Es un alma en pena que se manifiesta como una luz que brilla en la oscuridad del campo. Los vecinos y paisanos deben inevitablemente detenerse ante su presencia y rezar para la salvación del alma, ya que de lo contrario les sucederán cosas malas. En otras ocasiones, la presencia de la Luz en el campo invita a los aventureros a buscar el tesoro que en vida enterró el dueño del alma en pena, pero los testimonios aseguran que excavar donde indica la Luz Mala es peligroso, puesto que pueden salir gases tóxicos que matan a los codiciosos. (OLIVEIRA *et al*, 2023, p. 67.)

José Hernández, em *Martin Fierro*, de 1872, também apresenta a *luz mala*. Um pouco diferente da sul-rio-grandense, a versão argentina, publicada três anos após a lenda partenonista, indica o mesmo elemento: uma alma penada que circula pelas noites. Apesar de José Hernández não indicar a relação demoníaca e tampouco esclarecer a origem da alma, os motivos da aparição são os mesmos: uma pessoa que não foi velada e está fadada a errar pelo Pampa.

Después supe que al *finao* ni siquiera lo velaron;
y retobao en un cuero, sin rezarle, lo enterraron.
Y dicen que desde entonces cuando la noche es serena,

suele verse una *luz mala*, como de alma que anda en pena. Yo tengo intención a veces, para que no pene tanto, de sacar de allí los güesos y echarlos al campo santo. (HERNÁNDEZ, 2022 [1872], p. 50).

Bernardino dos Santos não inicia sua narrativa descrevendo a lenda, mas prepara um preâmbulo, enaltecendo a importância das crenças e do folclore tanto para os povos bárbaros quanto para os cultos. Enquanto os civilizados apreciam a beleza da poesia, os incivilizados adoram as imagens transmitidas oralmente como ídolos. Assim inicia o conto:

Todos os povos, os mais bárbaros, como os mais cultos, têm as suas lendas mais ou menos verosímeis e fantásticas, ou trescalando maior porção de doçura e beleza. O povo selvagem adora essas imagens em sua idolatria; o povo civilizado ama e venera essas crenças: aquele por ser-lhe a ciência um mistério; este porque respeita nessas tradições a inocente ignorância de seus antepassados; porque vê nessa extrema credulidade nos *maus espíritos*, uma parte influente desse ingênuo fanatismo religioso dos primeiros tempos. Ou quando não por esta causa, reconhecem e aceitam essas lendas como a fabula nacional, como as belas imagens da poesia nascente (SANTOS, n. 3, 1869, p. 13).

Creditando a crença de comunidades selvagens ao mistério e ao sobrenatural, contrapondo com povos civilizados que cultuam as doutrinas científicas e o respeito às tradições, o autor inicia a primeira relação de alteridade: em um polo está a civilização, o urbano que percebe a tradição com respeito, não com medo, e no outro está o selvagem, o incivilizado, aquele que vive através de crenças e ignorância. Fato comprobatório é encontrado ainda na primeira página da narrativa, quando explica a origem da palavra Boitatá: para os indígenas, era o “fogo-serpente”; para os letrados, a explicação científica do fogo-fátuo. O léxico de “Boitatá” é apresentado e reafirma a alteridade proposta pelo autor:

Boi e tatá são duas palavras guaranis que significam serpente e fogo, e que naturalmente foram aplicadas, ou que assim devemos entender que o foram, designando o fogo-serpente, ou o fogo que serpenteia, visto tão bem adequar-se ao objeto de que nos ocupamos: de definir tão tacitamente essa luz vaga, que conhecemos pela denominação de fogo efêmero, ou fogo fátuo (SANTOS, n. 3, 1869, p. 13).

O conto tem como cenário a fronteira oeste do Rio Grande do Sul com o Uruguai, mais precisamente a região missioneira gaúcha, local de constantes alternâncias no correr de quatro séculos – “É sexta-feira, começa a fechar a noite, mas querendo vós aproveitardes um dos belos plenilúnios de maio, viajais acompanhando de três camaradas, em Missões, por exemplo, entre as extintas reduções jesuíticas” (SANTOS, n. 3, 1869, p. 13) – o autor coloca o protagonista (o leitor, no caso, pois dirige-se a quem lê o conto e o trata como agente da narrativa) em um local ermo, mas ainda assim aprazível. Roderick Nash (2001) propõe que, ao longo do século XIX, sistematicamente os escritores urbanos substituíram a repulsa pelo *wild country* por uma visão favorável da natureza, principalmente por meio do conceito de *wilderness*, em que se delimita a fronteira entre a civilização e a barbárie. A *wilderness* é o local onde se encontra a selvageria, a ignorância e o sobrenatural; é a alteridade da civilização, das luzes e do conhecimento. É na *wilderness* que o Boitatá opera e que incita medo entre os incivilizados.

...o silencio é pavoroso, ainda que quebrado pelo bater das grandes rosetas das pesadas chilenas de vossos companheiros sobre as rodela de prata, como cadenciando o trotar das cavalgadas em monótono tinir, quando de repente sobre o dorso curvo de uma das mais elevadas coxilhas próximas, a misteriosa Almenara abre o leque de fogo, e passeia da saliência às dobras do terreno e remonta à outra eminência, alternando a cor de sua chama piramidal. À sua aparição vossa comitiva estatela; o cavalo estremece entre vossos joelhos e estaca também. Voltai-vos então e tereis um quadro digno de ser apanhado por um hábil pincel. Os três camaradas que vos acompanhar, homens capazes de lutar braço a braço com um gigante, de acometer o mais feroz dos tigres com sua adaga, ou simplesmente com as *bollas*, estarão estuporados e a tremer como a vergôntea do sarandi que a correnteza agita: um deslizando-se do cavalo, cairá de joelhos com o rosto oculto entre as mãos, balbuciando uma oração, que a custo reconheceréis ser o credo; outro riscará com a ponta da adaga um Signo Salomão na cabeça do lombinho, atravessando-a depois na boca, prendendo-a nos dentes com o gume para fora e a ponta para o lado do Boitatá; e finalmente o ultimo, despresilhando dos tentos o laço, cuja armada corre, meneia e lança para aquele lado, até estirar a última rodilha das muitas em que estava ele colhido (SANTOS, n. 3, 1869, p. 14).

A aparição do Boitatá causa espanto e medo na comitiva. A montaria estanca, os cavaleiros entregam-se às crendices e bênçãos e o persona-

gem, que se encontra deslocado no ambiente e desconhece o acontecimento, fica estarelecido. Toda a sorte de fenômenos sobrenaturais abunda a *wilderness*, local propício para encontros demoníacos e espirituais: os animais recuam e se agitam, os homens rezam, se benzam e se escondem. As reações dos incivilizados são condizentes com alteridade proposta pelo autor já nas primeiras linhas, pois o personagem civilizado (o leitor transvestido como protagonista) não entende o ocorrido pois se o fenômeno, para si, é explicado à luz da ciência, as atitudes de seus companheiros, não. Assim, é possível compreender o papel do protagonista como o de agente civilizatório, principalmente por ser na *wilderness* que ele atua, quando transformado em *frontierman*, o homem que leva civilidade para o outro lado da fronteira, onde impera a selvageria (TURNER, 1961):

Ao presenciardes essa cena curiosa e extravagante aclarada por tão deslumbrante final, sentireis, sem dúvida, algo de compaixão por vossos ignorantes companheiros de viagem, e dificilmente podereis susten-ter o riso que vos provocam seus automáticos movimentos, e a gravidade e recolhimento com que respondam. Oh! Mas não ride, por caridade! Porque esses homens vossos amigos até a última gota de sangue, tomados de horroroso susto seriam capazes de imolar-vos para que a vossa ironia ou hilaridade não exacerbasse a fúria do espírito errante, que, segundo eles creem, anda cumprindo o seu fadário na terra até que Deus lhe perdoe os seus pecados, ou que alguma alma bendita o ouça e saiba dele onde estão enterrados os seus tesouros, afim de os desenterrar e reparti-los com os parentes e os pobres, depois dele retirada a quantia suficiente para as missas em intenção de sua alma; ou que se encarregue de pagar a promessa que aquela alma penada deixara de cumprir; e cujo fogo, mesmo de longe, queima os de quem não gosta, cega com seu fulgor ou faz ficar vidente (SANTOS, n. 3, 1869, p. 14-15).

O conto é repleto de ocasiões em que o autor coloca o protagonista culto em situação de confronto com os companheiros iletrados. Na *wildernes* as pessoas são ignorantes, e em muitos casos motivo de riso para o *frontierman*. Sua atuação, entretanto, é iluminar o caos e as sombras. Na narrativa, após as maquinações dos três cavaleiros, o fenômeno luminoso extingue-se para reacender em outro ponto, mais distante. O fato, revela, os faz pensar que o Boitatá “pula” longas distâncias, e que encontrando almas cristãs, às quais não queira mal, procura outra coxilha, mais distante. Fugindo com celeridade, a companhia de viajantes encontra uma pequena habitação. Lá chegando, o protagonista é inteirado sobre a história do Boitatá (SANTOS, n. 3, 1869, p. 15).

Dado o episódio sobrenatural com a companhia de viajantes, o narrador trata de explicar a lenda do Boitatá e a transcreve tal qual era transmitida oralmente no século XIX, no Rio Grande do Sul. Um ilhéu – português radicado no Brasil – morreu sem se confessar pois para isso deveria revelar o local em que enterrou seu tesouro. Fadado a errar pelo mundo sem nunca poder entrar no céu até que alguém lhe interpele e prometa utilizar suas riquezas para rezar missas e repartir em esmolas, foi condenado a aparecer nas noites da região do Pampa, procurando por salvação ou condenando as más pessoas (SANTOS, n. 3, 1869, p. 15). Assim a lenda é contada pelo narrador:

Quando os santos Padres Jesuítas vieram para cá, já havia um ilhéu muito rico e muito mau. que não dava pousada a ninguém, nem emprestava cavalo ao viandante que tinha cansado o seu; dormia sobre os *surrões* em que guardava as suas onças, *doblas*. meias *doblas* e patações, porém, que com a vinda dos santos Padres, principiou a dizer muitas heresias e foi n'um capão e enterrou-os, em um lugar onde cinco pinheiros fazem uma cruz, e aí todas as noites ia vigiar, e as vezes dormia no lugar em que os tinha enterrado. Foi uma sexta-feira de noite que isto aconteceu. Eslava ele dormindo, quando lá as tantas da noite caiu uma tormenta que parecia querer deslocar as penhas e arrancar os pinheiros. O ilhéu assustado acordou-se gelado de medo e de frio, mas em lugar de rezar, pôs-se a chamar pelo *Cão Sujo*, e a cada raio que rebentava ele exclamava: Demônio! Com seis mil religiões de demônios que esta maldita chuva vai me fazer apodrecer os *surrões* que tem dentro os meus tesouros... e outras heresias mais; quando as trevas se tornaram mais compactas e sucedeu um silêncio de morte. O usurário pensou que linha passado o *pampeiro*, e em lugar de agradecer a Deus Nosso Senhor, ou a N. S. da Conceição, disse: ora graças ao Diabo, que sossegou!

E tanto chamou pelo Diabo, que este lhe apareceu, disfarçado n'um touro osco negro com guampas e olhos de fogo, resfolegando labaredas pelas ventas, com crinas de potro *bagual*, cauda de macaco, e patas de tigre, e lhe disse: “Aqui estou meu irmão, o que me quereis vós, que me chamaste tanto?” (SANTOS, n. 3, 1869, p. 16).

O ilhéu pediu proteção ao diabo e ele concedeu, mas ao ser inquirido sobre o que desejava, respondeu “quero dinheiro! Muito dinheiro!” (SANTOS, n. 3, 1869, p. 16). Concedido o desejo, por fim sua casa é incendiada, o tesouro perdido, o personagem é morto e sua alma dividida. A lenda então

é criada: “o ilhéu tinha morrido e essas luzes eram os pedaços da sua alma, que os Diabos repartiram, e que andam errando sempre entre o fogo; e é isto que é o Boitatá; que é um espírito mau que persegue a todos os pecadores” (SANTOS, n. 3, 1869, p. 17).

Alguns pontos podem ser destacados para compreendermos com mais detalhes a lenda. A primeira menção do fenômeno é de 1560, realizada pelo padre Anchieta, e naquele período as Coroas Ibéricas ainda não estavam unificadas. Como o Tratado de Tordesilhas, de fins do século XV, colocava a região do Pampa dentro dos limites territoriais da Espanha, sua fronteira com Portugal implicava que qualquer habitante luso a oeste da linha imaginária seria um forasteiro em solo espanhol. Após a dissolução das Coroas Ibéricas, o Tratado de Utrecht (1715) reorganizou as fronteiras do sul da América do Sul, mas não sem atritos e fricções. Essa fronteira da Região do Prata, espaço de aculturação e de mestiçagem, tanto étnicas quanto culturais, apresenta um caráter duplo, pois é uma fronteira política oriunda da disputa e dos processos colonizadores dos reinos ibéricos, ao mesmo tempo que se mostra como uma fronteira étnico-cultural devido aos contatos com as populações ameríndias (GUAZZELLI, 2010).

A Companhia de Jesus, quando de suas incursões na Capitania do Rio Grande, atual Rio Grande do Sul, veio, sob a proteção da coroa espanhola, instalar as Missões para cooptar indígenas e assim estabelecer o controle político na região que estava em constado estado de beligerância com império português. O personagem que vendeu sua alma ao diabo, por sua vez, é um português, que vivia na região da América Espanhola quando da chegada dos padres jesuítas no final do século XVII. Entre fins do século XVI e início do XIX foi necessário manter delimitadas as fronteiras físicas e políticas entre as colônias sul-americanas da Espanha e de Portugal, e a construção de lendas, utilizando o folclore ameríndio, assim como sua propagação nas regiões de tensões entre as coroas, serviu plenamente esse propósito. Este caráter dual e movediço das fronteiras da região oferecia um terreno fértil para narrativas de alteridade, colocando os portugueses como sacrílegos e gananciosos que vivem em um ambiente selvagem, alheios à religião e propensos a acordos demoníacos. E não apenas as distinções fronteiriças e a alteridade entre o bom e o mau são interpostas pela lenda, mas também é apresentado um caráter pedagógico: as boas ações e o desapego aos bens materiais são os princípios da salvação espiritual. A penitência deve ser praticada e os pecados expiados para que o Boitatá não persiga os pecadores.

3 Lendas do Sul: O Boitatá na obra de Simões Lopes Neto

A história do Boitatá foi reapresentada no compêndio *Lendas do Sul*, de Simões Lopes Neto, mais de 40 anos após sua aparição na *Revista Mensal do Partenon Literário*. Algumas semelhanças são guardadas entre as narrativas, mas as dessemelhanças são latentes a ponto de alterarem substancialmente a história. Enquanto o conto de José Bernardino dos Santos conjectura que o fogo-fátuo encontrado pelos viajantes são os pedaços da alma de um ilhéu que a vendeu por dinheiro (SANTOS, n. 3, 1869), Simões Lopes Neto indica que na verdade é a cobra-grande chamada de “boiguaçu”, uma sucuri que após um evento diluviano alimentou-se dos olhos das carcaças de outros seres.

Cada bicho guarda no corpo o sumo do que comeu. A tambeira que só come trevo maduro dá no leite o cheiro do milho verde; o cerdo que come carne de bagual nem alqueires de mandioca o limpam bem; e o socó tristonho o biguá matreiro até no sangue têm cheiro de pescado. Assim também, nos homens, que até sem comer nada, dão nos olhos a cor de seus arrancos. O homem de olhos limpos guapo e mão-aberta; cuidado com os vermelhos; mais cuidados com os amarelos; e, toma tendência dobre com os raiados e baços!... Assim foi também, mas doutro jeito, com a boiguaçu, que tantos olhos comeu. Todos — tantos, tantos! que a cobra-grande comeu —, lavam, entranhado e luzindo, um rastilho da última luz eles viram do último sol, antes da noite grande que caiu... E os olhos — tantos, tantos! — com um pingão de luz cada um, foram sendo devorados; no princípio um punhado, ao depois uma porção, depois um bocadão, depois, como uma braçada...

(LOPES NETO, 2002, p. 3).

As diferenças são grandes. Na lenda publicada na revista do Partenon Literário o Boitatá é uma alma. Ou no caso, pedaços de alma. Para Simões Lopes Neto, são as luzes remanescentes dos olhos que a “boiguaçu” comeu. Para o escritor partenonista, existe a alteridade entre cristãos e pagãos, entre natureza e civilização, além de uma datação aproximada da entrada da Companhia de Jesus na região do Prata – “Quando os santos Padres Jesuítas viram para cá, já havia um ilhéu muito rico e muito mau” (SANTOS, n. 3, 1869, p. 16) –; para o escritor pelotense a alteridade não se aplica e a lenda parece ser imemorial. A função pedagógica também não é encontrada no relato de Simões Lopes Neto, pois sua narrativa é descritiva e expositiva, sem qualquer julgamento de valor. De lenda punitiva no século XIX, no alvorecer do XX ela passa a ser um relato regional. Concluindo a

lenda, são indicados os locais onde o Boitatá costuma aparecer, o que corrobora com a explicação do fogo-fátuo do século XIX:

Anda sempre arisca e só, nos lugares onde quanta mais carniça houve, mais se infesta. E no inverno, de entanguida, não aparece e dorme, talvez entocada. Mas de verão, depois da quentura dos mormaços, começa então o seu fadário. A Boitatá, toda enroscada, como uma bola — tatá, de fogo! — empeça a correr o campo, coxilha abaixo, lombaa acima, até que horas da noite!... Quem encontra a Boitatá pode até ficar cego... Quando alguém topa com ela só tem dois meios de se livrar: ou ficar parado, muito quieto, de olhos fechados apertados e sem respirar, até ir-se ela embora, ou, se anda a cavalo, desenrodilhar o laço, fazer uma armada grande e atirar-lha em cima, e tocar a galope, trazendo o laço de arrasto, todo solto, até a ilhapa! A Boitatá vem acompanhando o ferro da argola... mas de repente, batendo numa macega, toda se desmancha, e vai esfarinhando a luz, para emulitarse de novo, com vagar, na aragem que ajuda (LOPES NETO, 2002, p. 4).

Diferentemente do relato de José Bernardino dos Santos, essa nova versão da lenda indica a natureza dos locais em que o fenômeno é encontrado: onde se decompõe material orgânico e não há a combustão de outros combustíveis, além de si mesmo. Uma semelhança, entretanto, está em um artifício para escapar do ser sobrenatural. Os dois escritores instruem o cavaleiro a desenrolar o laço que porventura tenha e jogá-lo por cima do Boitatá – “se anda a cavalo, desenrodilhar o laço, fazer uma armada grande e atirar-lhe em cima, e tocar a galope, trazendo o laço de arrasto, todo solto, até a ilhapa!” (ibidem, p. 4); “e finalmente o último, despresilhando dos tentos o laço, cuja armada corre, meneia e lança para aquele lado, até estirar a última rodilha das muitas em que estava ele coibido” (Santos, n. 3, 1869, p. 14). Câmara Cascudo, estranhamente, não menciona o relato de Simões Lopes Neto em seu *Dicionário do folclore brasileiro*, explicando que “no Brasil, em maioria absoluta das informações, o Boitatá é uma alma penada, purgando os pecados” (2005, p. 171).

CONCLUSÃO

Enquanto local de preservação de lendas, folclore, costumes e identidade, a *Revista Mensal do Partenon Literário* cumpriu relevante função na sociedade gaúcha do século XIX. O resgate desta lenda através da narrativa de José Bernardino dos Santos, apesar de representar quantitativamente uma pequena contribuição no escopo da folha literária, presta a importante função de repositório do espólio cultural de um povo, e principalmente, de uma região. Preserva-se assim não somente a memória do gentio sul-rio-grandense, mas da região do Pampa, e ainda mais abrangente, da região do Prata

As alteridades entre civilização e natureza, entre portugueses e espanhóis (jesuítas e ilhéus), os exemplos pedagógicos e as relações entre a *wilderness* e a conquista da selvageria, presentes no relato oitocentista, se não estão presentes nas reproduções século XX, é devido às situações fronteiriças distintas. No século XIX o sul da América do Sul ainda ressentia as alterações geopolíticas das coroas ibéricas. Locais de tensões, atritos e acirramentos, essas fronteiras políticas eram incapazes de estancar a cultura oral e o folclore da região – mesmo porque, por não apresentarem graves acidentes geográficos, a integração cultural entre Brasil, Argentina e Uruguai era mais fluída, com maior penetração. No século XX, entretanto, já com a consolidação da República no Brasil, o interesse pelo folclore e pelas lendas assume um outro viés: agora a necessidade era a busca de uma identidade regional. A alteridade entre portugueses, castelhanos e gaúchos não exprimia tanta importância quanto a premência de construir uma identidade própria. Prova disso pode ser encontrada nas incontáveis obras que versaram sobre o regionalismo sulino e abundaram as primeiras décadas do século XX.

As histórias preservadas na *Revista Mensal do Partenon Literário* ofertam para os pesquisadores, mais de um século após suas publicações, a possibilidade de analisar o intercâmbio e a evolução da tradição cultural e identitária da sociedade sul-rio-grandense. Composto por uma parcela de alfabetizados que não alcançava os 30 % (IBGE, 1940), o Rio Grande do Sul do último quartel do século XIX tinha na transmissão oral seu principal meio de difusão cultural, seja através de lendas, contos, histórias fabulosas e religiosas, seja através de músicas e de conversas ao redor de fogões e fogueiras. A divulgação impressa em uma folha cultural da lenda do Boitatá demonstra a forte influência da cultura indígena na região do Pampa, assim como as relações, analogias e alteridades entre portugueses e espanhóis mesmo após as modernas fronteiras políticas estabelecidas.

REFERÊNCIAS

- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2006.
- GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Literatura e história: fronteiras e barbárie (espaço platino no século XIX). In: X Encontro Estadual de História. O Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o nacional e o regional. *Anais do X Encontro Estadual de História da ANPUHS*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria e Centro Universitário Franciscano, 2010.
- MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1978.
- MOREIRA, Maria Eunice. *Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST/ICP, 1982.
- NASH, Roderick. *Wilderness and the american mind*. New Heaven: Yale University Press, 2001.
- OLIVERA, Fernanda. *Et al. Bestiario nacional*. Criaturas del imaginario argentino. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2023.
- PÓVOAS. Mauro Nicola. *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*. Porto Alegre: Buqui, 2017.
- RAMA, Ángel. *Transculturación en America Latina*. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 1982.
- ROELS, Joris; VERSTRAETE, Willy. Biological formation of volatile phosphorus compounds. *Bioresource Technology Elsevier*, n. 79, p. 243-250, 2001.
- ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1954.
- TURNER, Frederick Jackson. The Significance of the Frontier in American History. In: *Frontier and Section*. New Jersey: Prentice-Hall, 1961 [1893].

FONTES

- HERNÁNDEZ, José. *El gaucho Martin Fierro y la Vuelta de Martin Fierro*. Buenos Aires, 2022 [1872].
- IBGE, *Censo Demográfico* 1940.
- LOPES NETO, João Simões. *Lendas do sul*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002.
- MOREIRA, Maria Eunice; NASCIMENTO, Fábio Varela. *O Y-Juca Pirama dos pampas: o drama de José Bernardino dos Santos*. Porto Alegre: Edipucrs, 2021.
- PORTO ALEGRE, Apolinário. Programa. In: *Revista Mensal da Sociedade do Partenon Literário*. Porto Alegre, n. 1, 1869, p. 3.
- SANTOS, José Bernardino dos. Boitatá, lenda rio-grandense. In: *Revista Mensal da Sociedade do Partenon Literário*. Porto Alegre, n. 3, 1869, p. 13-17.
- _____. Respondendo a uma carta anônima. In: *Revista Mensal da Sociedade do Partenon Literário*. Porto Alegre, n. 8, 1869, p. 12.
- VALPÍRIO, Victor. Contos rio-grandenses. In: *Revista Mensal da Sociedade do Partenon Literário*. Porto Alegre, n. 5, 1872, p. 41-45.

Recebido em: 29/07/2024

Aceito em: 22/11/2024